



## O DISCURSO SOBRE A LÍNGUA EM UM MANUAL DE LINGUAGEM INCLUSIVA DE GÊNERO BRASILEIRO

Camilla Machado Cruz<sup>1</sup>

Este trabalho tem como objetivo principal compreender como ocorre a manualização do saber linguístico sobre a linguagem inclusiva no Brasil. Para tanto, apresento uma análise discursiva do manual intitulado “Manual ampliado de linguagem inclusiva: técnicas e reflexões sobre como escrever e falar, sem reforçar preconceitos de gênero, orientação sexual, cor/raça, xenofobia, ageísmo e capacitismo” (Fischer, 2021), de autoria de André Fischer, jornalista brasileiro, também diretor do Centro Cultural da Diversidade na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e criador do portal MixBrasil, um dos mais influentes canais brasileiros de informações e cultura LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, *Queers*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, entre outras identidades/sexualidades). Tal manual foi publicado digitalmente em 2021 e pode ser adquirido no formato e-book em diversas plataformas digitais.

Primeiramente, é preciso destacar que esta análise foi realizada a partir do aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, em articulação com a História das Ideias Linguísticas (HIL). Dessa forma, busco mobilizar de conceitos basilares para a pesquisa, os quais serão tratados ao longo deste trabalho, como: gênero identitário – performativo, cultural e não biológico – (Butler, 2015); língua – base dos processos discursivos –, discurso – efeito de sentidos – (Pêcheux, 2014); manualização – instrumentalização da língua que busca recomendar o uso (Puech, 1998); e gramatização (Auroux, 2014) – processo tecnológico oriundo de uma revolução a partir da escrita que vulgariza os saberes sobre as línguas.

Atualmente, é latente e emergente a discussão sobre a linguagem inclusiva na sociedade brasileira, até mesmo no âmbito acadêmico. Dito isso, torna-se indispensável que especialistas em língua e linguagem, incluindo analistas de discurso, desenvolvam pesquisas dentro desse tema, a fim de preencher esse nicho na área de pesquisa da Linguística, bem como contribuir para futuras discussões em diversos campos de estudo.

É possível considerar que a linguagem inclusiva pode abranger dois tipos distintos de linguagem, ambas contrárias ao uso do masculino genérico: a linguagem neutra/não binária/neolinguagem, a qual prevê o uso de dizeres tidos como “neutros”, os quais contemplam sujeitos de todos os gêneros, e a linguagem não sexista, a qual propõe o uso de termos que privilegiam o feminino no discurso.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras – Área de Concentração: Estudos Linguísticos; Linha de Pesquisa: Língua, Sujeito e História – , pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, sob orientação da Profa. Dra. Taís da Silva Martins.

A linguagem não sexista, a qual não altera morfologicamente a língua, busca reivindicar a nomeação do feminino na língua, pelo desdobramento do feminino e masculino, e/ou evitando o masculino genérico, pelo uso de termos impessoais que não marcam gênero. Um exemplo deste uso é dizer “todas e todos” ou “pessoal” diante de pessoas que se identificam com gêneros que não se restringem ao masculino.

Em contraponto, os termos linguagem “neutra”, linguagem não binária ou neolinguagem consistem em um tipo de linguagem inclusiva que reivindica o uso de um gênero neutro/não binário para nomear os sujeitos, distinto do gênero feminino/masculino. Tal uso propõe uma inovação gramatical na língua, visto que modifica a morfologia das palavras no que tange às desinências de gênero, trazendo formas neutras pelo uso do “e” em substantivos (“todes” e “alunes”), bem como propondo novos pronomes pessoais (“elu”/“ile”) e pronomes possessivos (“delu”/“dile”), entre outras possibilidades inovadoras.

Conforme a perspectiva teórica da AD, o poder forma parte de um jogo de forças de ordem sócio-histórica, o qual atravessa o discurso, o sujeito e a ideologia. Para Pêcheux (2014), nesse jogo de forças, a língua constitui a base dos processos discursivos. Por isso, considerando as relações de poder, articuladas com as questões de gênero em discursividade, é crucial salientar como a linguagem e como a língua são compreendidas na análise de discurso pecheutiana. De acordo com Pêcheux (2014), a linguagem é um sistema de ambiguidades, no qual o sujeito está inserido e duplamente afetado, tanto pela ideologia, quanto pelo inconsciente. A língua, por sua vez, é a materialidade dos processos discursivos, enquanto o discurso, materializado pela língua, é tido como efeito de sentidos entre os pontos A e B (Pêcheux, 2014).

Assim, para compreender como o manual analisado nesta pesquisa produz sentidos historicamente, é fundamental tratar do conceito de gramatização (AUROUX, 2014), o qual pode ser definido como um processo tecnológico que constitui os instrumentos linguísticos, como gramáticas e dicionários. Ademais, há outro processo que faz parte desse amplo processo de gramatização: o processo de manualização (Puech, 1998). Pela manualização, os manuais buscam divulgar o saber metalinguístico, ou seja, o saber sobre a língua e as formas de utilizá-la, tal como ocorre com os manuais de linguagem inclusiva/não binária.

O dispositivo teórico-metodológico desta pesquisa se fundamenta em 3 etapas correlativas de análise, conforme Orlandi (2020): 1) Passagem da superfície linguística, ou seja, do texto (discurso) para o objeto discursivo (Formação Discursiva); 2) Passagem da Formação Discursiva para o processo discursivo; 3) Análise do processo discursivo (Formação Ideológica), considerando a exterioridade constitutiva do discurso.

A partir das análises empreendidas a seguir, é possível compreender que o discurso sobre a língua, no manual analisado, é permeado de efeitos de sentido que a definem como um “sistema vivo e dinâmico”, uma “ferramenta”, um “instrumento”, sendo necessária para a comunicação de maneira primordial, bem como passível de constante evolução e modificação. No entanto, os sujeitos que podem ser simbolizados formalmente na norma culta da língua, sem causar “ruídos”, são sujeitos que performam gêneros binários: apenas homens e mulheres. Nesse viés, parece que as possibilidades de simbolização dos sujeitos não

binários se encontram nas margens do discurso, nas generalizações que não marcam gênero algum, bem como na informalidade e na oralidade do dizer.

Vale dizer que as análises foram realizadas por meio de 3 sequências discursivas (SD). A SD1 encontra-se abaixo:

**SD1** – A língua é um sistema vivo e dinâmico que está constantemente evoluindo e se modificando. Mas ela serve primordialmente para que pessoas se comuniquem e por isso existem códigos comuns compartilhados por quem usa o idioma. Uma Linguagem Inclusiva que segue a norma gramatical da língua portuguesa utilizada no Brasil pode ser aplicada universal e imediatamente, sem causar qualquer ruído e independente de mudanças formais (Fischer, 2020, p. 5).

Na SD1, a língua é compreendida como “um sistema vivo e dinâmico”, que evolui e se modifica para que pessoas se comuniquem. Especificamente, a língua portuguesa, no que concerne a norma culta, seria uma opção para que se aplique a linguagem inclusiva “sem causar qualquer ruído” e “independentemente de mudanças formais”. Em outras palavras, no manual, há uma recomendação de uso de uma linguagem inclusiva não sexista, a qual não modifica a morfologia da língua, como ocorre com a linguagem “neutra”/não binária/neolinguagem.

A seguir, a SD2 trata, uma vez mais, de uma definição de língua:

**SD2** – É preciso transformar a maneira de pensar. A língua é uma ferramenta viva e um dos instrumentos mais efetivos para a evolução de toda e qualquer pessoa (Fischer, 2020, p. 5).

Na SD2, a língua é concebida no manual como “uma ferramenta viva e um dos instrumentos mais efetivos para a evolução de toda e qualquer pessoa”. Dito de outra forma, a língua é tida como flexível e adaptável às necessidades dos sujeitos, que podem se identificar com diferentes gêneros identitários (binários ou não binários). Vale explicitar que o gênero é entendido nesta pesquisa conforme a filósofa materialista Butler (2015), a saber: não biológico, performático, fluido e cultural.

Por último, a SD3 exemplifica o uso da linguagem “neutra”:

**SD3** – Essas regras de linguagem neutra ainda não estão previstas nos dicionários, corretores ortográficos ou manuais de redação. Mas podemos começar a usar a linguagem neutra como maneira de expressar apoio a uma causa, sobretudo em saudações como: Sejam todes bem vindes! Olá amigues! (Fischer, 2020, p. 5).

Na SD3, a língua é compreendida de duas formas distintas. A primeira é a seguinte: a língua como norma padrão deve ser utilizada na escrita, isto é, a linguagem não sexista, que visibiliza as mulheres pela marcação do feminino ou propõe formas neutras de nomear, através de termos impessoais de tratamento, no que se refere ao gênero dos sujeitos. Ou seja, não propõe uma modificação na estrutura morfológica da língua, como ocorre com a linguagem não binária. Por sua vez, a segunda compreensão parte da percepção de que, na língua oral/informal, a linguagem não binária é autorizada, em um funcionamento

político-discursivo. Por isso, nessa SD3, é possível perceber que o autor utiliza a linguagem “neutra”, quando exemplifica as seguintes saudações: “Sejam todes bem vindes!” e “Olá amigos!”.

Diante disso, como conclusões desta pesquisa, é possível considerar que, no manual analisado, o discurso sobre a língua parece estar inscrito em uma formação discursiva binária, a qual funciona ideologicamente no interior de uma formação ideológica capitalista-patriarcal. Essa formação discursiva (Pêcheux, 2014) binária regula o que pode e deve ser dito sobre a língua em um manual de linguagem inclusiva de gênero, escrito e publicado em língua portuguesa, o qual objetiva estabelecer alternativas práticas que possibilitem a inclusão de sujeitos de diversos gêneros (bem como de minorizações sociais diversas que sofrem discriminação na linguagem), em uma formação ideológica (Pêcheux, 2014) capitalista-patriarcal, visto que é preciso vender conteúdo sobre temas que estão em debate na atualidade (como a linguagem inclusiva), seja pelo jornalismo, seja pela publicação editorial de livros, como ocorre com o manual analisado nesta pesquisa.

Para que haja uma boa aceitação do manual no mercado editorial, uma boa vendagem e lucro de capital, é preciso que a utilidade e necessidade de tal linguagem seja explicitada, assim como sua praticidade seja comprovada. Nesse sentido, o manual analisado apresenta exemplos de modificações possíveis sem modificar a língua, ao desdobrar palavras masculinas em femininas e usar termos impessoais.

Contudo, os exemplos não dispõem de alternativas que recomendam formalmente modificações morfológicas em uma tentativa formal de inclusão de pessoas não binárias. Trata-se, portanto, da proposição de uma linguagem não sexista, a qual se diferencia da linguagem “neutra”, que propõe um terceiro gênero, considerado neutro, para nomear os sujeitos não binários, aqueles que não se identificam com os gêneros feminino/masculino.

Finalmente, vale sinalizar que a linguagem inclusiva proposta pelo manual analisado se filia a uma rede de sentidos inscrita em uma formação discursiva binária, que contempla sujeitos do gênero feminino/masculino, mas não de gêneros não binários, em uma formação ideológica capitalista-patriarcal dominante. Em tal formação ideológica, considerando os aspectos ideológicos do sistema capitalista e patriarcal, para manter o poder, é fundamental lucrar e privilegiar o masculino. Por conseguinte, no manual analisado, as relações de poder buscam privilegiar a visibilização de sujeitos de gêneros binários, invisibilizando os sujeitos que performam gêneros não binários no discurso.

Conforme Barbosa Filho (2022), o debate sobre a linguagem “neutra” não é um debate acerca da linguística, mas um debate sobre o linguístico e sobre o político-ideológico. Por isso, cabe ao analista de discurso explorar discursivamente a temática polêmica e contraditória da linguagem inclusiva para compreender como os sentidos são produzidos e de que forma circulam na contemporaneidade, em determinadas condições de produção, nas quais as lutas sociais por igualdade de gênero emergem.

Como efeito de fechamento, é necessário destacar novamente que, na atualidade do século XXI, devido a habituais e constantes mudanças de uso da língua e da linguagem, no tocante às identidades de gênero e a identificação dos sujeitos na língua, é imprescindível que linguistas e analistas de discurso pesquisem e teorizem sobre o tema da linguagem inclusiva de gênero no Brasil, o qual é constantemente permeado de contradições e intensos debates político-sociais.

Para além dos manuais, com as constantes mudanças da sociedade brasileira na contemporaneidade, especialmente com respeito às conquistas de visibilização de sujeitos da comunidade LGBTQIAP+, torna-se incontestável a necessidade de que os Estudos Discursivos tomem parte em tais reflexões teóricas no tocante à língua e ao discurso, dado que há uma ampla possibilidade de discursos a serem analisados, no que concerne ao uso da linguagem inclusiva, em língua portuguesa, no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. Tradução de: *La Révolution Technologique de la Grammatisation*, 1994.
- BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. Projetos de lei contrários à linguagem neutra no Brasil. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. 1. ed. Parábola: São Paulo, 2022. p.141-160.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. Tradução de: *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, 1989.
- FISHER, André. **Manual ampliado de linguagem inclusiva**: técnicas e reflexões sobre como escrever e falar, sem reforçar preconceitos de gênero, orientação sexual, cor/raça, xenofobia, ageísmo e capacitismo. 1. ed. São Paulo: Matrix, 2021.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014. Tradução de: *Les vérités de la palice*, 1975.
- PUECH, Christian. Manuélisation et disciplinarisation des savoirs de la langue. **Les Carnets du Cediscor**, Paris, n. 5, p. 15-30, 1998. Disponível em: <http://cediscor.revues.org/267>. Acesso em: 2 jul. 2023.